

CMP 2.1.10.44

WILSON MAIA FINA
arquiteto

Membro do Instituto de Arquitetos do Brasil — Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo — Sociedade Amigos da Cidade — Academia Paulista de História — Associação dos Cavaleiros de São Paulo — Ateneu Paulista de História e Instituto Histórico Guarujá - Bertioga.

O BAIRRO DO BOM RETIRO E SEUS PRIMÓRDIOS

São Paulo - Brasil
1976

110,57

WILSON MAIA FINA
arquiteto

Membro do Instituto de Arquitetos do Brasil — Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo — Sociedade Amigos da Cidade — Academia Paulista de História — Associação dos Cavaleiros de São Paulo — Ateneu Paulista de História e Instituto Histórico Guarujá - Bertioga.

O BAIRRO DO BOM RETIRO
E SEUS PRIMÓRDIOS

São Paulo - Brasil
1976

WILSON MAIA FINA
arquiteto

O BAIRRO DO BOM RETIRO E SEUS PRIMÓRDIOS

A Mario Graciotti
devotado filho do Bom Retiro

Yo, no he podido comprender,
el Arte de Escribir, sino como
una Mission; como um Apos-
tolado.

Vargas Villa

O BAIRRO DO BOM RETIRO E SEUS PRIMÓRDIOS

A 14 de março de 1881, o morador na cidade de São Paulo, de nome Manfredo Meyer, endereça requerimento à Câmara Municipal, pedindo que o plenário estudasse da conveniência e da utilidade pública, na abertura de uma rua "que partindo da Luz, entre a casa da Correção e o palacete do Conde de Tres Rios, vá ter em terrenos do suplicante, ligando-se a uma das alamedas dos Campos Elisios, desapropriando-se a parte pertencente à viuva Dulley, indenizando-a". Discutido o assunto resolve a Câmara desapropriar parte das terras da Viuva Dulley e encarregar "o vereador Elias Chaves e o Engenheiro encarregado das obras desta Câmara verificar as condições de desapropriação, nivelamento e alinhamento". (ata de 1881 - Vol. LXVII).

Na sessão seguinte, 21 de março (naquela época as reuniões dos vereadores eram realizadas, uma por semana), volta o Sr. Elias Chaves, com o resultado da incumbência recebida, informando "que tendo sido encarregado pela Câmara de examinar as condições de alinhamento e desapropriação para a abertura de uma rua que venha a unir ao bairro da Luz aos Campos Elisios verificou que o plano proposto na petição de Manfredo Meyer, apresentado na sessão anterior não satisfaria completamente os intuitos da Câmara, devendo no entanto o Engenheiro dar parecer sobre os respectivos alinhamentos, e sobre o melhor meio de ligar estes dois bairros". (pág. 59 - Atas - Vol. LXVII).

O engenheiro da Câmara, Dr. Nabor Jordão, remete aos vereadores o seu parecer que foi lido em sessão de 6 de junho de 1881, nos seguintes termos: “— A comunicação dos Campos Elisios com o bairro da Luz,, o melhor meio desta comunicação deve ser pelo prolongamento da rua João Theodoro, até encontrar com as alamedas Glete ou Helvetia, ou pelo prolongamento da Travessa do Conde de Tres Rios, até encontrar a alameda Nothman, conforme indica a planta que junto remete. Não sendo os esquadramentos da Luz igual dos Campos Elisios, os terrenos compreendidos entre esses bairros deverão ser alinhados pelos Campos Elisios, e outra parte pelo Campo da Luz.”

O vereador Dr. Elias Chaves indica que, de conformidade com o parecer do referido engenheiro, cuide a Câmara de desapropriar o terreno pertencente à Viuva Dulley, necessário para a abertura da rua que deve comunicar o bairro da Luz com o bairro dos Campos Elisios, pela travessa do Conde de Tres Rios na Luz, e a Alameda Nothman nos Campos Elisios, observando os alinhamentos indicados pelo Engenheiro.

Complementa a sua indicação a de que se oficiasse ao Presidente da Província para que, “faça o prolongamento da rua Dr. João Teodoro até os terrenos do Bom Retiro que se comunicará com os Campos Elisios pela Alameda Helvetia”. (pág. 58 - ídem).

O Presidente da Província já não mais era o Conde de Tres Rios, que na sessão da Câmara, realizada aos 7 de abril de 1881, transmitia o cargo de chefe da Província ao Dr. Florêncio Carlos de Abreu e Silva, que com os joelhos em terra e colocando a mão direita sobre o livro dos Santos Evangelhos prometia bem servir o cargo de Presidente da Província. (ídem - pág. 68).

A proposta tinha duas condições — uma municipal outra provincial. A desapropriação da área da Viuva Dulley, podia ser feita pela municipalidade pois, envolvia terras de propriedade particular, ao passo que a projetada ligação entre os dois bairros, pelo prolongamento da rua João Teodoro, só podia ser feito pela Província, porquanto envolvia no seu traçado terras de propriedade provinciais como o Jardim Botânico e a Casa de Correção. Daí a indicação do vereador Elias Chaves, pedindo encaminhamento ao Presidente da Província.

Por ocasião da referida indicação, verifica-se pelo mapa da cidade, organizado em 1881, pela Companhia Cantareira e Esgotos, que o bairro do Bom Retiro ainda não existia, pois somente estão indicadas algumas casas, sede das chácaras nessa área existente, ao contrário dos Campos Elisios já marcado e definido na citada planta, pois fôra ele arruado em 1817, pelo General José Arouche de Toledo Rondon. A Rua João Teodoro, já traçada, ligava o bairro da Luz ao Pari, que se encaminha ao Brás em formação. Neste trecho — Luz e Pari — a planta não mostra qualquer arruamento, ao passo que o arruamento dos Campos Elisios, executado pelo General Arouche é do tipo retangular com as quadras perfeitamente quadriculadas. Portanto, se assim estava a situação física da área, qual a razão para o Engenheiro da Câmara informar no seu parecer que, “não sendo os enquadramentos da Luz igual a dos Campos Elisios, os terrenos compreendidos entre esses bairros deverão ser alinhados pelos Campos Elisios, e outra parte pelo Campo da Luz”.

A razão deve ser a seguinte: Como a Câmara não atendeu ao seu primeiro requerimento, Manfredo Meyer jogou uma planta que elaborara, para o arruamento de sua chacara, feita a seu modo, e que não obedecia aos planos do plenário municipal, tanto que, em sessão de 6 de junho de 1881, a Câmara indeferiu a sua planta “recomendando que o suplicante deve alinhar e arruar os seus terrenos de acordo com o plano aprovado”. A planta da cidade desenhada por Jules Martin, em 1890, traz bem definida a rua Dulley partindo junto a casa de Correção e indo ao encontro da Alameda Nothmann esta prolongada, e atravessando as linhas das estradas de ferro.

Essa planta traz o prolongamento da Rua João Teodoro, atravessando a Av. Tiradentes, esta naquela época conhecida como Campo da Lúz, e que, tangenciando o Jardim da Lúz e a Casa de Correção vai ao encontro da Rua Helvetia, e que, a planta de 1897, levantada pelo intendente de obras Gomes Cardim, indica a Rua Dulley como Rua do Marques de Três Rios, e que a Rua do Jardim, nome batizado pela planta de 1890 e que Gomes Cardim indica como a Rua Ribeiro de Lima, e não as atuais Ruas Três Rios e Ribeiro de Lima, esta o desejado prolongamento da Rua João Teodoro e que vai terminar na Rua Correa de Mello, e aquela,

a Três Rios, terminando na Silva Pinto que é o prolongamento da Alameda Nothman.

Completara-se assim a ligação entre os dois bairros.

Com o nome de Rua do Bom Retiro já a planta de 1868 e a de 1877, registra a que saindo da Rua da Conceição, dirigia-se para a varzea do Bom Retiro. Ela era a linha reta que levava à chácara do Barão de Três Rios, conhecida como a chácara do Bom Retiro.

Essa rua, a rua do Bom Retiro, é a hoje General Couto de Magalhães, que começava na antiga rua da Conceição, esta hoje com o nome de Av. Casper Libero.

Este cidadão Manfredo Meyer, possuía área imensa de terras na várzea do Bom Retiro. Como a câmara não estava interessada na abertura, conforme a sua solicitação volta com um requerimento, pedindo aprovação de planta, para um arruamento, que desejava executar em sua chácara, cujos lotes pretendia vender partes deles, solicitando ainda à Câmara que batizasse as ruas com os nomes que julgasse convenientes. Evidente que Meyer projetou o arruamento a seu bel prazer, o que fez com que a Câmara rejeitasse o seu projeto, exigindo que obedecesse as diretrizes já por ela delineada e aprovada para todo o Bom Retiro, o que levou-o a modificar o seu plano, obtendo daí a necessária aprovação em sessão do plenário da cidade em 13 de junho de 1881. (atas - vol. 67 - págs. 99 e 106).

Para gozar dos benefícios técnicos reclamados, para o bom funcionamento de uma rua, e atrair interesse viário, Manfredo Meyer, "oferece graciosamente à Câmara a parte de seus terrenos na chácara do Bom Retiro, por onde tem de passar a projetada rua Dr. João Teodoro que tem de ligar o bairro da Lúz com os Campos Elisios". Gesto este que teve larga repercussão no plenário, aceito com satisfação dado que na mesma sessão o mesmo Manfredo Meyer ainda oferecia graciosamente à cidade "o apedregulhamento da rua 7 de Abril desde o seu começo até o canto da rua Ipiranga e desta rua até em frente a casa do Doutor Rego Freitas, assim como colocar as guias necessárias de pedra artificial de primeira qualidade". (ídem - pág. 119).

Desconhecendo, ou talvez atraindo para si um negócio, o certo é que em sessão de 25-07-1881, aparece o cidadão Antonio Francisco Pedroso oferecendo o mesmo serviço, pela quantia de Rs. 10.800\$000, com o que não concordou a Comissão de Obras, pois "é de parecer que, depois de colocadas as guias de pedras de cantaria, mande-se apedregulhar o leito da rua por administração". (ídem - pág. 156).

A concordância do Governo da Província em efetuar a ligação do Pari, Lúz, Bom Retiro com os Campos Elisios, prolongando a rua João Teodoro, através do Jardim Botânico, somente veio se concretizar em 5 de dezembro de 1881.

No entretanto essa ligação só poderia ser completa prolongando a Alameda Helvetia, que esbarrava com um impedimento, os trilhos da Estrada de Ferro Inglesa, o que levou o vereador Elias Chaves a apresentar indicação ao plenário da cidade, autorizando o Sr. Presidente da Câmara, a entender-se com o Superintendente da referida Companhia para pleitear a construção de uma porteira ou passagem americana sobre o leito da linha, ou pelo menos licença para transpo-lo. O entendimento foi estabelecido, tanto que o plenário resolveu "fique o Sr. Presidente autorizado a entrar em acordo com os superintendentes das linhas férreas Sorocabana e Inglesa para o pronto estabelecimento das porteiras, em continuação a Alameda Helvetia dos Campos Elisios, autorizando-se a Comissão de Obras a mandar, sob planta do Engenheiro e orçamento, fazer as necessárias obras para a abertura da rua". (atas 1881 - pág. 227). Nessa mesma sessão de 5 de dezembro de 1881, o Sr. Presidente dá aos vereadores o resultado de sua missão, declarando que, "conforme foi encarregado, entendeu-se com o Governo Provincial, relativamente ao prolongamento da rua Dr. João Teodoro até aos Campos Elisios, e o Sr. Vice-Presidente da Província, reconhecendo a necessidade da obra, declarou que adotava em tudo o ato de seu antecessor na forma do officio a esta Câmara dirigido em data de 28 de junho deste ano. Declarou ainda o Sr. Dr. Presidente que o Superintendente da Companhia São Paulo Raylwal não faz dificuldade alguma à passagem do nível para a rua que da alameda Helvetia deve vir ao Campo da Lúz, mas, ponderou que, as passagens americanas servem somente para lugares de pouco transito, e uma rua como a projetada, que será a mais próxima entre os dois

bairros, é de crer que seja muito transitada, e assim concluiu propondo o estabelecimento de portões, como meio mais seguro para evitar desastres". (idem - pág. 228).

O ofício de 28 de junho, acatava o parecer da Câmara para o prolongamento da rua João Teodoro porém, não concordava em ceder os terrenos do Jardim, devendo o referido prolongamento ser feito através de desapropriação dos terrenos a ela necessário "sendo as obras a ele incorporado, ao mesmo jardim; declarando ainda que está disposta a Presidência da Província a auxiliar a Câmara no dispendio, cuja despesa não deve correr toda por conta da Província, visto também ser obras municipais". Foi nesta sessão de 4 de julho que sendo aprovado o ofício da Província autorizou-se a entrar-se em entendimento com a Viuva Dulley para a compra dos terrenos necessários. Enquanto discutia-se a maneira, se judicial ou amigável da desapropriação das terras da Viuva, para o prolongamento da rua João Teodoro, o problema da ligação pelo lado dos Campos Elisios estava a cargo de Manfredo Meyer que a 2 de janeiro de 1882, vem a plenário comunicar que "o serviço a que se sujeitou graciosamente para a continuação da Alameda Helvetia a sair da Lúz na rua Dr. João Teodoro, já se acha acabado, e por isso péde que se mande dar a essa rua o nome que julgar conveniente, e fazer a sua continuação por administração ou empreitada, depois de orçado os serviços que se propõem a fazer sob as condições muito vantajosas à Câmara. Resolve a Câmara dar ao prolongamento o nome de Rua Helvetia". (idem - 1882 - pág. 10). Manfredo Meyer resolve oferecer, executando graciosamente os serviços de continuação da rua Helvetia, até encontrar a estrada de ferro Sorocabana, e que o obrigou a reclamar da Câmara a colocação de porteiros entre os trilhos desta e da São Paulo Raylwal "obrigando-se ele e os demais proprietários de prédios e terrenos no bairro do Bom Retiro, a pagar os salários mensais do guarda das porteiros, não excedendo da quantia de cinquenta mil réis, por espaço de três anos". (pág. 52 - ata 1882).

Porque esse interesse de Manfredo Meyer em estabelecer a ligação entre os campos da Lúz e os Campos Elisios? A história silencia, não revelando a sua intensão que se descobre ao passarmos os olhos pelo mapa da cidade, levantado em 1881, pela Companhia Cantareira de Esgoto; É que, com o advento das estradas de ferro,

a cidade nova tomava incremento, tornando os Campos Elisios o bairro fino da cidade onde abrigavam-se as melhores famílias da sociedade da época, a acrescentar ainda o fato, de nele também virem morar em certos períodos do ano, as famílias do interior que, de suas fazendas estacionavam na cidade para obrigações determinadas. A Estrada de Ferro Sorocabana, inaugurada em 1875, e a de Santos e Jundiaí, a antiga S.P.R. põe em tráfego o seu primeiro trem a 16 de fevereiro de 1867, e a Central do Brasil chega ao Brás em 7 de julho de 1877. Por consequência Pari, Brás e Lúz tomavam-se de intenso movimento.

A ligação estabelecida, podia-se prever seria também de intenso tráfego, o que levou o Presidente da Província a recomendar a Câmara, "que como a rua projetada que será a mais próxima entre os dois bairros, é de crer que seja muito transitada", propondo então "o estabelecimento de portões, na passagem do leito da estrada, para evitar desastres" (atas - 1881 - vol. 67 - pág. 228). Daí o interesse de Manfredo Meyer, em ligar os bairros, através de uma rua que atravessasse ou tangenciasse a sua chácara. Fazer de sua chácara um bairro, aproveitando o desenvolvimento dos Campos Elisios, executando assim uma ótima especulação imobiliária.

Enquanto ele trabalhava, ora graciosamente, ora como empreiteiro na construção das guias e sargetas, apedregulamento e regularização do leito prolongado da rua Helvetia e da rua João Teodoro, o Governo da Província tratava de desapropriar uma faixa de terras de propriedade de Maria Marcolina Monteiro de Barros, para através de uma permuta com a viuva Dulley completar o traçado da Rua João Teodoro. A ligação com os bairros de Pari e Brás caminhava a passos largos. A passos lentos ia a ligação com os Campos Elisios, pois a Inglesa não concordava em permitir a construção de porteiros sobre os trilhos, o que obrigou a Câmara a recorrer ao Governo da Província que deu provimento em despacho exarado a 31 de agosto de 1882; A Inglesa recorre dessa decisão ao Governo Imperial. Oficia o Chefe do Governo da Província, à Câmara para que sobrestar qualquer procedimento a respeito, até que o Governo Imperial resolva a respeito. (idem - pág. 212).

O Bom Retiro começava a se expandir; a rua nova recebe um nome a rua Dos Imigrantes, hoje rua dos Italianos; seus mora-

dores em dezembro de 1882, pedem a Câmara o seu tratamento, nivelamento, regularização e apedregulamento do leito.

Tal devia ser o tráfego entre os dois bairros, que o problema da ligação das duas ruas — Helvetia e João Teodoro, exigindo solução, arrastou-se pelos anos a fora, indo em 1884, na sessão de 6 de fevereiro da Câmara da cidade despertar a atenção do vereador Paes de Barros, pedindo ao engenheiro municipal um estudo da viabilidade da continuação da rua Helvetia passando por baixo dos trilhos das Estradas Sorocabana e Inglesa, e no caso afirmativo apresentasse ele uma planta dos trabalhos a executar, referente ao movimento de terra, da construção dos muros de arrimo e da ponte de ferro, com vão de 5 a 6 metros. Cansada de tanto ser incomodada com as sugestões apresentadas, para o estabelecimento da referida ligação, a S.P.R. através de seu superintendente William Speers, dizendo que, “embora pende de decisão do Conselho do Estado, um recurso da Companhia, sobre a comunicação da projetada rua Helvetia ao nível através dos trilhos, vem propor à Câmara uma solução para acabar de uma vez a questão da comunicação do bairro do Bom Retiro com os Campos Elisios, sob as bases que apresenta, com uma planta. “Depois de estudos feitos pelo engenheiro da Câmara a proposta S.P.R. não foi aceita, continuando a questão na ordem do dia, até que se resolveu a pendência, com a autorização baixada pelo Ministério dos Negócios de Agricultura e Comércio e Obras Públicas, na construção de um viaduto no prolongamento da Alameda Nothman entre os bairros dos Campos Elisios e o Bom Retiro (J. Ribeiro - Cronologia - 2º vol. - pág. 75). Estava feita pois a decantada ligação dos dois bairros, ligando a Alameda Nothman com a Rua Silva Pinto, passando por baixo dos trilhos, como lá está até hoje.

Os Campos da Lúz, ou a paragem da Lúz assim ficou conhecida em virtude da existência de uma capela construída por Domingos Luiz o Carvoeiro, quando em 1603, transferiu sua residência do Ipiranga para o Guarépe, ermida essa que dedicou a N.S. da Lúz. O sítio de Domingos Luiz ficava a margem direita do caminho que do Guarepe levava a gente ao sertão, pelo norte, na serra do Juqueri. Pelo lado esquerdo, também situavam-se grandes áreas, área da família Dulley, de Manfredo Meyer, chácara do Baruel; Posteriormente o caminho da Lúz, chamou-se estrada de Atibaia,

antigo comércio da Lúz e atualmente Avenida Tiradentes; notava-se já nesta época, número insignificante de casas, todas elas senhoraes, dentro destas grandes chácaras, destacando-se as que foram ocupadas pelo seminário episcopal, o convento da Lúz, a residência do comendador Fidencio Prates onde instala-se a Escola Politécnica. Informa Mestre Taunay que a atual Rua José Paulino era o caminho de N. S. do Ó, saindo da rua Conceição ou General Couto de Magalhães.

Entre o caminho de N. S. do Ó e as margens do Tietê, pelo lado esquerdo do caminho da Ponte Grande, dentre grande área de terra ocupada por algumas chácaras, dentre elas destaca-se a conhecida chácara do Bom Retiro.

Informa Manfredo Meyer, nos documentos que estamos lendo, que esta chácara era de sua propriedade; Já alguns historiadores de nosso passado informam-na como propriedade do Barão de Três Rios (Nuto Sant’Anna - Metrópole).

Joaquim Egidio de Souza Aranha, Marques de Três Rios, campineiro, nascido em 21 de março de 1821, ocupou por três vezes a vice-presidência do Governo da Província; era abastado fazendeiro, na cultura do café, possuindo alma caridosa, fez inúmeros donativos de sua bolsa a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, além de ser homem de grandes iniciativas, tendo tomado parte na fundação da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, e ainda fundador da Casa Bancária Nielsen & Cia., e que mais tarde transformou-se no atual Banco do Comércio e Indústria de São Paulo. Homem de grandes recursos econômicos, bastando para avaliar a sua imensa fortuna, que, em 1882 era credor da Câmara da cidade, da importância de 350.000\$000 (trezentos e cinquenta contos de réis). No ano de 1883, hospedou em sua casa, no Palacete da Lúz, os príncipes, Conde D’Eu e a princesa Izabel, quando nesse ano, de sua visita à São Paulo.

Não conseguimos situar dentro da área do Bom Retiro a sua propriedade, pois alguns cronistas de nossas cousas dizem alguns, que, a sua casa é a atual Escola Politécnica e outros onde a Escola de Farmácia, hoje.

No entretanto acreditamos na primeira hipótese, estribado na informação de Manfredo Meyer, quando em 1881, desejou abrir

uma rua que "partindo da Lúz, entre a casa de Correção e o Palacete do Conde de Três Rios"; A informação de que a escola Politécnica está em terrenos de Fidencio Prates é de Everardo Vallim Pereira de Souza, publicada em Revista do Arquivo do Município (Vol. 53 - pág. 530 - 1946), a qual citamos com reserva.

A 28 de novembro de 1865, executada a numeração das casas e inscrição de nomes nas ruas da cidade, comunica o vereador Malaquias Salles Guerra, que, a rua Estreita passou-se a denominar Rua do Bom Retiro (Nuto Sant'Anna - Metrópole - pág. 42), porque dirigia-se aquele bairro iniciando na rua da Conceição, hoje Av. Casper Libero e àquela a rua Bom Retiro é a hoje Rua General Couto de Magalhães.

A cidade de São Paulo, presta homenagem em 1881, aos ingleses estabelecidos na cidade, numa das ruas — dos Ingleses, no bairro da Glória como era conhecido naquela época, e que hoje é a atual Rua São Paulo. Porém é o bairro do Bom Retiro quem estende a sua homenagem, denominando uma de suas ruas com o nome de rua dos Imigrantes, querendo dessa forma ampliar a gratificação da cidade, a todos os estrangeiros que colaboravam para o progresso e seu engrandecimento. Ela mais tarde recebeu o nome, ou melhor trocaram-lhe o nome para rua dos Italianos porque nesse bairro foram se estabelecendo grande número de peninsulares da pátria de Dante.

Dois anos após a abertura dos logradouros, realizada por Manfredo Meyer, devia o bairro do Bom Retiro ter-se destacado no cenário municipal como grande centro, a ponto de despertar a cobiça das iniciativas exploradoras de diferentes ramos de negócio, tanto que o cidadão Alfredo Gomes Ferreira Braga, pedia a 4 de julho de 1883, à Câmara concessão para explorar, durante 30 anos, uma linha de bondes (ferro-carril), que partindo da travessa do Rosário (Rua João Bricola) , se dirija ao Bom Retiro, com percurso por diversas ruas.

A Câmara aprovou a concessão, estabelecendo dentre outras condições, a de que o preço da passagem seria cobrada por seção — 100 réis da travessa do Rosário até a Lúz, e daí até o largo da Concórdia no Brás, outro 100 réis.

O itinerário se desenvolvia do ponto de partida descendo a atual Libero Badaró vindo do largo de São Bento, pela rua Formosa subia até a rua Barão da Itapetininga, de onde se dirigia a Santa Ifigenia pela São João, atingia atravessando os Campos Elisios pela rua Helvetia até encontrar os trilhos das estradas de ferro indo então ao Bom Retiro, e daí pela João Teodoro atingir o Largo da Concórdia, onde estacionava como fim de percurso.

Este era o tipo de ligação mais moderno que se estabelecia entre os bairros em processo de desenvolvimento, pois os primeiros aglomerados operarios localizaram-se em terrenos marginais ao Tamandateí ao pé da colina central, instalando-se próximo as estações ferroviarias e ao longo das vias férreas. Foi assim aos poucos que se desenvolveram os bairros do Brás, Bom Retiro, Lúz, Pari, etc. Com relação aos transportes urbanos, foi o Bom Retiro, juntamente com os bairros de Vila Buarque e a Barra Funda, os primeiros a serem aquinhoados com o novo sistema elétrico introduzido pela Light em 1910. (A Cidade de São Paulo - vol. II - pág. 139).

Foi na chácara Dulley, no Bom Retiro que se instalou o primeiro estádio de futebol, onde hoje é a rua Três Rios. Foi aí nessa mesma chácara que funcionou o primeiro clube de futebol, o São Paulo Atlético Club, em 1895. (Thomaz Mazzoni - Hist. do Futebol no Brasil).

Foi exatamente neste ano de 1895, que Manfredo Meyer viu seus propósitos descobertos, quando pelo ato nº 2 de 18 de maio de 1895, o Intendente Municipal Carlos Augusto Ferreira, anula o alinhamento concedido para os seus terrenos situados nas margens do Tietê, conforme alvará de 1894. Ao pedir alinhamento para esta parte de sua propriedade em 15 de março de 1892, como todo bom terrenista incluíra nela a parte pertencente ao poder municipal, que percebendo excluíra do alvará desta data, o que o leva a nova tentativa de grilagem em 1894, apoiado num parecer emitido pelo advogado Dr. Antonio Martins de Miranda. Pretendia abocanhar apenas 7.630 metros de frente para o rio Tietê, numa faixa de 33 metros de largura e que a Prefeitura reservava para "uso público". Percebido em tempo, pôde o ato nº 2 anular suas intenções.

O tempo caminhava. O Bom Retiro progredia. Seus terrenos, suas chácaras vão desaparecendo, constituindo-se grandes arrua-

mentos, ao que não escapou a chácara Dulley loteada em 1899, gozando até de isenção de impostos por cinco anos, pela lei 414/1899 (Leis da Câmara).

Dali para cá o Bom Retiro tem se constituído em um dos bairros de marcantes projeção econômica na vida da cidade.

O recenseamento da população do bairro do Bom Retiro levantado pelo Departamento de Estatística do Estado, acusava o seguinte resultado: para o ano de 1940, possuía o bairro 21.382 habitantes, passando em 1950 a ter 23.043, continuando em 1960 a crescer para 26.494, e para o ano de 1962, a população prevista era de 27.865, numa área de 2,57 km², acusando uma densidade de 10.842 habitantes por km². Este número fornece a quantidade de 5.573 prédios, considerados 5 habitantes em cada um. É preciso considerar-se que a sua baixa densidade deve-se ao fato de nele situarem-se apenas casas comerciais, pois em 1940 possuía 3.654 prédios abrigando cada um 13,2 pessoas. (Rev. Arquivo CI-1845). Ao Bom Retiro deve São Paulo o seu crescimento, pois foi em sua vasta área que, se constitui a fornecedora dos agregados que possibilitaram as construções da cidade em desenvolvimento. Foi do leito do Tietê que se extraíam o pedregulho e a areia para o concreto armado, e para a argamassa. Foi de seu solo que saíram o barro que fez a telha que cobriu o teto do paulistano, foi de seu solo que saiu o barro que fez o tijolo que fez o abrigo de nossos avós. Bairro onde se reuniram as olarias que, ajudaram a engrandecer São Paulo.

Diz Galvão da Fontoura que foi no Bom Retiro que se construiu em 1895 a primeira fábrica de ladrilhos, ladrilhos de barro; a primeira olaria foi em suas terras que se ergueu, as margens do Tietê, junto a Ponte Grande, em 1575, quando Cristovam Gonçalves fez as primeiras telhas com que se cobriu o Paço Municipal. (W. M. F. - Paço Municipal de São Paulo).

O bairro do Bom Retiro, em 1934, era o segundo da cidade onde se abrigava os italianos, bastando informar que representava 11,49%, vindo em segundo lugar os portugueses com o grupo de 2,54% e em terceiro lugar os russos ocupando o aglomerado com 2,30%, sobre o total de 100%, donde o número de brasileiros era de 64,43%. (Rev. Arq. Municipal - vol. 65 - pág. 235).

Oscar Egidio de Araujo, em seu estudo Enquistamento Etnicos, salienta em 1934, que "outra concentração que se está delineando em São Paulo é a dos judeus, nos distritos Santa Efigenia e do Bom Retiro. Abrange as ruas José Paulino, Anhaia, Ribeiro de Lima, Italianos, Itaboca, Newton Prado, Julio Conceição e outros". Nesse ano a colonia possuía nos bairros duas sinagogas, uma na rua Newton Prado e outra na Rua Correa de Mello, além de seu cinema na rua Correa de Mello, o Marconi, onde por 4\$600 assistiam-se as melhores produções cinematográficas. "Outro fato digno de relevo é a porcentagem acentuada de crianças israelitas que frequentam os grupos escolares o Marechal Deodoro e o Prudente de Moraes (Rev. Arquivo Municipal - vol. 65). São Paulo tem tido os seus aspectos urbanos modificados de ano para ano.

Diferentes fatores para isso têm contribuído, notadamente o de ordem social, econômica e sobretudo estética. A geografia humana por sua vez criou ou modificou pontos rasgou ruas, ampliou as existentes, transferiu o eixo das atividades industriais, comerciais e residenciais. Enfim tudo mudou.

E o Bom Retiro também mudou. Deixou de ser aquele bairro de concretização operária, cheia de cortiços, cheia de olarias, cheia de painéis d'água, aquelas ilhas que as enchentes do Tietê provocava, para tornar-se hoje, depois da guerra, um dos bairros mais modernos da cidade, onde a arquitetura inspirada pelos filhos de Israel, brasileiros de São Paulo, contribuem para a magnificência de nossas escolas, engrandecem a nossa pátria e projetam o nome da arquitetura brasileira pelo mundo afora.



Composto e impresso na
GRÁFICA SANGIRARD —
G. Fonseca & Santos Ltda.
— Rua Bom Pastor nº 2.472
— Telefone: 63-7870 —
Ipiranga — S. Paulo